

LT 148



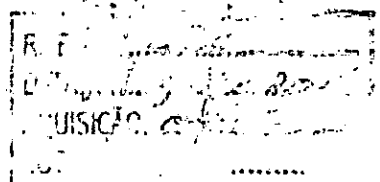
UNIVERSIDADE EDUARDO MONDLANE
FACULDADE DE LETRAS E CIÊNCIAS SOCIAIS
DEPARTAMENTO DE LINGUÍSTICA E LITERATURA

O TEMPO VERBAL NA LÍNGUA COPI:
A MORFOFONOLOGIA DA MARCA DO PASSADO RECENTE PERFECTIVO

Dissertação apresentada em cumprimento parcial dos requisitos exigidos para a obtenção
do grau de Licenciatura em Linguística da Universidade Eduardo Mondlane.

Nelsa João Nhantumbo

Maputo, 2005



LT.148

O Tempo Verbal na Língua Copi:
A Morfofonologia da Marca do Passado Recente

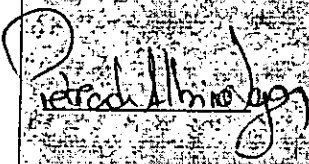
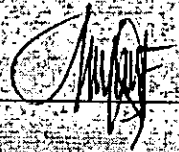
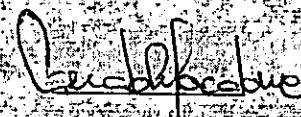
Dissertação apresentada em cumprimento parcial dos requisitos exigidos para a obtenção do grau de Licenciatura em Linguística da Universidade Eduardo Mondlane por:

Nelsa João Nhantumbo

Departamento de Linguística e Literatura
Faculdade de Letras e Ciências Sociais
Universidade Eduardo Mondlane

Supervisor: Prof. Doutor Armindo Ngunga

Maputo, 2005

O Jurado			
O Presidente	O Supervisor	O Oponente	Data
			30/06/05

U.E.M. - F.L.C.S.
R. E 30430
DATA 19 Junho 2005
AQUISIÇÃO oferta
COTL 1-148

Declaração

Declaro que esta dissertação nunca foi apresentada para a obtenção de qualquer grau, e que ela constitui o resultado da minha investigação pessoal, estando indicadas nela a bibliografia e as fontes por mim usadas.

Agradecimentos

Quero endereçar o meu muito obrigado a todos que directa ou indirectamente contribuíram, não só para que esta dissertação se realizasse como também para os cinco anos de muita luta, pois a luta não iniciou apenas após a conclusão das disciplinas, começou sim com o ingresso à Faculdade. Sem o apoio dessas pessoas nada teria possível.

Em primeiro lugar, agradeço ao meu supervisor, Prof. Doutor Armindo Ngunga, pela paciência e força, acompanhamento e insistência que me prestou na elaboração deste trabalho.

Aos meus pais, João e Engrácia, e ainda ao meu irmão (Neto), pelo carinho, amor e compreensão, apoio e encorajamento. Pelas noites de sono perdidas na tentativa de me acompanhar na realização dos trabalhos.

Ao meu tio Ernâni que ao longo do curso não permitiu que eu me metesse no mercado do trabalho, contribuindo assim para um melhor desempenho académico.

A todos os meus colegas de turma, em especial ao terceto (companheiras de batalha), Josina, Natércia e Tomásia, pela força que me deram e continuam a dar nos momentos mais difíceis, pela ajuda ao longo do curso.

Tudo sem Deus é nada e nada com Deus é algo.

Sumário

O presente trabalho incide sobre uma das línguas bantu de Moçambique, a língua Copi.

O principal objectivo do mesmo é estudar o tempo verbal da língua acima referida, procurando analisar a morfofonologia que existe por detrás da marca do passado recente na mesma língua.

O estudo foi elaborado com base num corpus recolhido através de um informante, falante da língua em referência, natural e residente em Madendere, facto que determinou a escolha da variante a ser analisada.

O estudo encontra-se organizado em quatro capítulos a saber: a introdução que engloba os pontos sobre a língua Copi, os objectivos do trabalho, a metodologia, o problema, as hipóteses e a organização do trabalho; o segundo capítulo que é referente à revisão bibliográfica, onde se procura passar em revista os conceitos assim como estudos anteriores, relativos ao tema em causa; o terceiro capítulo que apresenta a análise dos dados recolhidos, apresentando antes de forma sucinta o tempo passado de uma forma geral para depois analisar o ponto fulcral do estudo; e por fim temos o quarto capítulo que apresenta as conclusões a que se chegou com o trabalho e algumas recomendações para futuros trabalhos.

ÍNDICE

Declaração.....	II
Agradecimentos.....	III
Sumário.....	IV

CAPÍTULO I- INTRODUÇÃO

1.0. Introdução.....	1
1.1. A Língua Copi.....	2
1.2. Os Objectivos do Trabalho.....	3
1.3. Metodologia do Trabalho.....	4
1.4. O Problema.....	4
1.5. Hipóteses.....	5
1.6. Organização do Trabalho.....	6

CAPÍTULO II- REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

2.0. Introdução.....	7
2.1. Revisão Bibliográfica.....	7
2.2. Morfologia Verbal.....	8
2.3. O Tempo Verbal.....	12
2.3.1. Aspecto.....	14
2.4. Tempo Verbal nas Línguas Bantu.....	17

CAPÍTULO III- TEMPO VERBAL NA LÍNGUA COPI:

A Morfofonologia da Marca do Passado Recente

3.0. Introdução.....	19
3.1. Tempo Verbal na Língua Copi.....	19
3.2. A Marca do Passado na Língua Copi.....	22
3.2.1. A Marca do Passado Recente em Copi.....	24

CAPÍTULO IV- CONCLUSÕES E RECOMENDAÇÕES

4.0. Introdução.....	29
4.1. Conclusões e Recomendações.....	29

Bibliografia.....	32
-------------------	----

Anexos

CAPÍTULO I: INTRODUÇÃO

1.0. Introdução

Há mais de cem anos que vários estudiosos vêm desenvolvendo estudos sobre as línguas bantu. Appleyard (1837) citado por Dacala (1994), Bleek (1851, 1862, 1869) e Torrend (1891) são alguns dos autores que testemunham esses estudos que, não se esgotando têm-se difundido por diferentes partes aprofundando-se a análise de fenômenos de línguas particulares.

Ngunga (2004) acrescenta ainda como autores do século XIX, Koelle (1854), Meinhof (1899) e Krapf (1850). Estes estudiosos estavam interessados em estabelecer a natureza das relações entre as línguas africanas a partir de tabelas de correspondência regulares de sons, em determinar parentesco das línguas a partir da observância do princípio de regularidade de mudanças fonéticas.

Assim os estudiosos identificaram alguns traços comuns entre línguas pertencentes a um mesmo grupo que foi designado de "Bantu".

Já no século XX encontramos autores como Guthrie (1967-71), Meinhof (1932) e Werner (1915,1919),

No caso de Moçambique, é também notável a preocupação de estudar as suas línguas bantu.

Muitos estudos de índole académica têm sido realizados nos últimos tempos em Moçambique, quer visando alcançar diferentes graus académicos tais como licenciatura, como são os casos de (Chimuzu 2002, Dacala 1994, Langa 2001 e Ngunga 1987), mestrado (Chimbutana 2002, Katupha 1983, Liphola 1988, Ngunga 1988, Nhaombe(1991)

e Siteo 1988), doutoramento (Katupha 1991, Liphola 2001, Ngunga 1997 e Siteo 2001) quer visando divulgar resultados científicos tais como Ngunga (2000, 2002a, 2002b, 2004) e Siteo (1996, 2000).

Na esteira dos esforços com vista ao desenvolvimento das línguas bantu em Moçambique, o nosso trabalho pretende debruçar-se sobre uma dessas línguas, o Copi, mais concretamente sobre dois aspectos particulares da sua gramática, o tempo e o aspecto, incidindo-se sobre a marca do passado recente.

Sendo assim passo em seguida apresentar alguns dados gerais sobre a língua Copi.

1.1. A língua Copi

A língua Copi (S63 na classificação de Guthrie 1967-71) é falada por cerca de 245.591 pessoas (Firmino 2000), a sul de Moçambique, nas províncias de Gaza e Inhambane.

Segundo Dos Santos (1941) o termo “copi” vem do verbo Zulu “Kucopa”, que significa atirar com arco, donde se formou o substantivo *vacopi* ‘atiradores de arco’. Este nome designava os povos que à Leste do Limpopo viviam sob o “signo de arco” sendo, pois, o arco e as setas as suas armas favoritas na caça e na guerra.

Segundo Siteo e Ngunga (2000) esta língua é falada principalmente nos seguintes distritos e localidades:

- Província de Gaza: Manjacaze, Chidenguele e Chongoene.
- Província de Inhambane: Zavala, Inharrime e Homoíne.

Segundo ainda os mesmos autores, nesta língua podem identificar-se diferentes variantes assim distribuídas:

Cindonje – Inharrime (província de Inhambane);

Cilenge - Chidenguele, Nhamavila e parte de Chongoene (Província de Gaza);

Citonga – Mavila, Quissico, Guilundo até ao limite de Jangamo (Província de Inhambane);

Cicopi – de Mavila à Madendere (Gaza);

Cilambwe – junto do lago Quissico (Inhambane) e na parte oriental de Chidenguele (Gaza);

Cikhambani – Homoíne, parte dos distritos de Panda (Inhambane), Manjacaze e Chibuto (Gaza).

1.2. Objectivos do trabalho

O presente trabalho visa debruçar-se sobre a marca de tempo e aspecto na língua Copi, sobretudo a fonologia do morfema da marca do passado recente perfectivo, na busca de uma compreensão das estratégias de que a língua se socorre para a construção deste tempo.

De forma sucinta, os objectivos do trabalho são:

- Identificar a marca do passado recente perfectivo;
- Identificar a marca do aspecto;
- Verificar a variação alomórfica que ocorre no morfema de tempo.

De salientar que a variante em estudo será Cicopi que, conforme foi acima apresentada, é falada entre as povoações de Mavila e Madendere. (Gaza). Isto pelo facto de o nosso informante ser natural de Chidenguele, localidade de Madendere.

1.3. Metodologia de trabalho

Em termos metodológicos, na recolha de dados foram usados três métodos:

- a) O da entrevista, que consistiu na gravação dos dados em fita magnética e posterior transcrição dos mesmos para constituir o corpus que mais tarde foi analisado neste trabalho;
- b) O filológico que consistiu na recolha de material disponível no NELIMO e a consulta a outros autores como Dos Santos (1941);
- c) O de introspecção, pois a língua em estudo é de conhecimento da autora do presente trabalho.

Após a recolha de dados o corpus foi organizado com base na transcrição que posteriormente foram analisados.

1.4. O problema

Segundo Bastin (1983) os comparativistas que se interessavam pela conjugação das línguas bantu revelaram a existência de uma final verbal do tipo *-ile*, *-le*, *-de*, *-iye* para a qual Meinhof (1906, 1910, 1948), Guthrie (1948, 1971) e Meussen (1967) propuseram uma reconstituição do tipo **-ide*. Estes autores consideram que esta marca final é aplicada ao tempo passado e exprime uma acção concluída.

Em Copi podemos encontrar como marcas do passado **-it-e**, **-il-e** ou até mesmo o **-e**. Sendo a marca do passado do proto-bantu o morfema ***-ide** como se explica a existência de dois ou três morfemas para indicar o mesmo tempo nessa língua. É, portanto esta questão que constitui o principal problema há necessidade de melhor compreender se na língua em estudo existe uma única marca do passado que se realiza de diferentes formas em determinados contextos ou se trata de diferentes marcas; saber qual a relação entre essas duas marcas.

1.5. Hipóteses

Face ao problema acima colocado e após uma observação preliminar dos dados apresentamos as seguintes hipóteses:

1. ou nesta língua o *d* está a dar lugar a *l*;
2. ou o *d* está a passar a *t*;
3. ou o *d* está a ceder lugar a *l* e a *t*;
4. ou ainda se trata apenas de uma distribuição alomórfica entre **-it-e** e **-il-e**.

É porém, na esteira destas hipóteses que se desenvolveu o nosso trabalho afim de se encontrar a hipótese correcta.

1.6. Organização do trabalho

O presente trabalho está organizado em quatro capítulos, a saber: uma introdução que corresponde ao primeiro capítulo, que por sua vez apresenta alguns pontos onde se faz uma breve apresentação do trabalho bem como alguma informação sobre a língua em estudo, a colocação do problema, a apresentação das hipóteses. O segundo capítulo é reservado à revisão bibliográfica, onde se procura ver pesquisas anteriores sobre o tempo verbal e a morfologia verbal, em geral e em Copi em particular, como forma de nos situarmos no estudo do morfema em causa. No terceiro capítulo trata-se do tempo verbal na língua Copi, onde se faz a análise da marca do passado na língua Copi que é tema do nosso trabalho. Finalmente, no quarto capítulo, são apresentadas as conclusões e algumas recomendações para futuros trabalhos.

CAPÍTULO II: REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

2.0. Introdução

Este capítulo dedica-se ao estudo dos pontos de vista de alguns autores sobre a morfologia, a morfologia verbal e o tempo verbal nas línguas bantu e em Copi, incluindo os conceitos operatórios usados nos estudos sobre esta matéria ou matérias afins. Dos vários conceitos que aqui se abordam destacam-se os de tempo, aspecto, verbo, morfologia, morfema. Sendo a fonologia a área particularmente privilegiada deste estudo, a discussão deste conceito reveste-se de grande importância.

2.1. Revisão bibliográfica

Um dos conceitos importantes neste trabalho, como foi referido na subsecção anterior, é o da fonologia que é definida por Katamba (1989:60) como “o ramo da linguística que estuda os meios pelos quais os sons da fala são usados sistematicamente para formar palavras ou enunciados”. Katamba considera ainda que para se entender a fonologia é importante que se tenha uma noção dos conceitos básicos da fonética que é definida pelo mesmo autor como “o estudo dos sons da fala, sua percepção e propriedades acústicas”. Hyman (1975), por sua vez, define fonologia como “o estudo dos sistemas de som da língua, isto é, o estudo de como os sons da fala se estruturam e funcionam nas línguas”. Como podemos notar há uma grande convergência em termos de definição dada pelos dois autores, o que nos leva a constatar que a fonologia se preocupa com o papel dos sons na “transmissão de mensagens entre os membros de uma comunidade linguística” Ngunga (2002: 25) sem se preocupar pela forma como cada utente da língua produz os diferentes

sons, mas como tentativa de sintetizar num único símbolo as diferentes formas de realização de um mesmo som pelos diferentes usuários da língua.

Ligada à fonologia está a fonética que também estuda os sons da fala como fenómenos físicos sem se preocupar com o seu significado (Ngunga 2002).

A fonologia, tal como foi visto, contrariamente à fonética, não se preocupa com os sons como fenómenos físicos apenas, preocupa-se também com a sua estrutura, as regras que regem a combinação no sistema e a sua função na comunicação (Ngunga 2004).

São estas e outras preocupações da fonologia que nos vão permitir analisar de uma forma minuciosa a variação do morfema do passado recente na língua Copi. Mas antes disso teremos de passar em revista alguns conceitos que são fundamentais no entender do objectivo do trabalho.

2.2. Morfologia verbal

A morfologia, segundo Ngunga (2004), pode ser definida como sendo o estudo dos morfemas, das regras que regem a sua combinação na formação da palavra, e da sua função no sintagma e na frase.

De acordo com o mesmo autor, o morfema é definido como sendo a menor unidade da língua portadora de sentido, na hierarquia da palavra.

Gleason (1961: 85), por sua vez define morfema como grupo de um ou mais alomorfes que obedecem a certos critérios de distribuição e significado, definíveis em geral, com bastante clareza.

Os morfemas podem ser livres ou presos. Os morfemas livres são aqueles que não podem ocorrer senão na condição de estarem ligados a outro(s) e os presos são aqueles aos quais são afixados os chamados livres (Ngunga 2000).

Normalmente, consideram-se os morfemas livres como sendo lexicais por neles residir a informação lexical da palavra, e os presos são considerados gramaticais porque se usam para marcar informações gramaticais como: tempo, número, aspecto, sujeito, classe, etc.

- (1) Cicopi: a. *kudya* 'comer'
 b. *Nidyite* 'comi'
 c. *m'pawu* 'mandioca'
 d. *mipawu* 'mandiocas'

Nos exemplos acima, as informações lexicais de "comer" e "mandioca" estão contidas nos morfemas "-dy-" e "-paw-". Nos restantes morfemas, que são também designados afixos, está contida a informação gramatical de pessoa, número, tempo, etc.

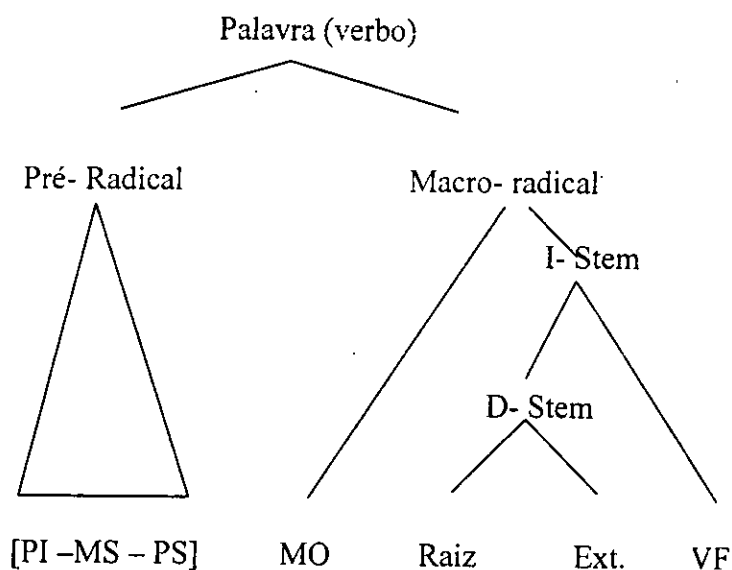
Os morfemas podem ser radicais, sufixos, prefixos ou infixos dependendo da sua localização na palavra.

O verbo, tal como o nome, conforme ilustram os exemplos (4 a e b) é também constituído por morfemas. De acordo com Dacala (1994), as línguas bantu pertencem ao grupo das línguas aglutinantes¹ dentro das quais a palavra é geralmente formada por afixação de morfemas ou afixos presos a outros morfemas (os radicais) que constituem os núcleos das

¹ São línguas cujas palavras são constituídas por mais do que um morfema, mas as fronteiras entre os morfemas são sempre *clear-cut* (Comrie 1981, 1989)

palavras. Nas línguas bantu, o verbo é uma das unidades linguísticas que evidencia o carácter aglutinante.

De acordo com Ngunga (1997) e Liphola (2001) o verbo nas línguas bantu apresenta a seguinte estrutura:



Esquema 1: *Estrutura do verbo nas línguas bantu*

Onde: I- Stem	radical não flexionado
D- Stem	radical derivacional
PI	pré-inicial
MS	marca de sujeito
PS	pós -sujeito
MO	marca de objecto
Ext.	extensão
VF	vogal final

De salientar que o PJ e PS incluem as marcas de tempo, aspecto, modo e negação.

De um modo geral, podemos dizer que o verbo é constituído pelos seguintes elementos:

Raiz – não inclui nenhum afixo;

Bauer (1988) citado por Ngunga (2004), define raiz verbal como sendo a parte da palavra que se mantém inalterada quando todos os afixos flexionais ou derivacionais forem retirados, como ilustram os seguintes exemplos:

- | | | |
|-----------|----------|---------|
| (2) Copi: | a. -dy- | 'comer' |
| | b. -wom- | 'secar' |
| | c. -von- | 'ver' |

Os exemplos acima mostram as raízes verbais onde não estão adicionados quaisquer afixos flexionais ou derivacionais.

Base – inclui a raiz mais a vogal final;

Radical – inclui afixos derivacionais e não flexionais.

Tema – inclui não só os sufixos flexionais, também os derivacionais;

Extensões e Vogal final.

2.3. O tempo verbal

Comrie (2000) define tempo verbal como sendo “situação gramaticalizada no tempo”.

Segundo Richards et al. (1985) citados por Mutaka & Tamanji (2000) o tempo verbal pode ser definido como sendo “a relação entre a forma do verbo e o tempo da acção descrita”.

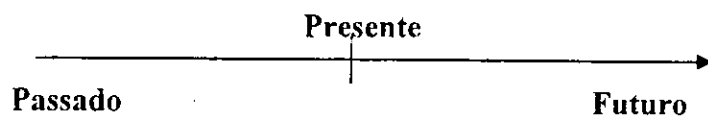
Como podemos ver, quer numa definição quer noutra, o tempo verbal aparece associado a uma acção ou situação, o que significa que o tempo, de uma forma implícita, está ligado ao verbo. O verbo, por sua vez, é definido, de acordo com Cunha e Cintra, como sendo “uma palavra de forma variável que exprime o que se passa, isto é, um acontecimento representado no tempo”.

A forma verbal, nas línguas bantu, traz consigo as marcas do sujeito sobre o qual se faz a afirmação, o tempo em que o fenómeno tem lugar, o número dos sujeitos sobre os quais se faz a afirmação ou envolvidos na acção, etc. São estes e outros factores que fazem com que o verbo se defina como sendo a mais variável de entre as palavras variáveis nestas línguas (Ngunga 2004).

Ao apresentar na sua estrutura a marca do tempo, o verbo torna-se uma das formas de expressão do tempo (passado, presente e futuro).

De um modo geral podemos notar que o verbo e o tempo aparecem sempre interligados implícita ou explicitamente, por isso falamos de tempo verbal.

Comrie (2000) considera que o tempo pode ser representado como uma linha recta, em que o passado é representado convencionalmente à esquerda e o futuro à direita, tomando como foco central o presente, como ilustra a figura abaixo:



Esquema 2: *Representação do tempo*

Considerando o presente como o centro, Comrie (2000) considera o tempo presente como sendo a coincidência do tempo da situação descrita com o momento actual do tempo real; o tempo passado significa colocação da situação anterior ao momento actual e o futuro significa colocação da situação depois do momento actual.

Em língua portuguesa essas três dimensões temporais podem ser ilustradas com os seguintes exemplos:

- (3) i. Passado:
- a. Ontem brinquei com o João.
 - b. Ontem, enquanto jogava a bola o João brincava com os amigos.
 - c. O João tinha brincado com o gato.
- ii. Presente:
- a. O João brinca.
 - b. O João está a brincar.
- iii. Futuro:
- a. O João brincará com o gato.
 - b. O João há-de brincar.

Estes exemplos revelam diferentes realizações da acção em relação ao tempo presente. Em (i) temos a forma verbal indicando a realização da acção em tempo anterior ao tempo actual, em (ii) há coincidência entre o tempo actual e o tempo de realização da acção, e em (iii) a realização da acção situa-se no tempo posterior ao momento actual.

2.3.1. Aspecto

Relacionado ao tempo encontramos o aspecto, que segundo Comrie (1976: 3) citando Holt (1943) “são as diferentes maneiras de ver a constituição temporal interna de uma situação”.

O aspecto tem uma relação com o tempo porque “caracteriza a forma como se dão no interior de uma unidade de tempo” (Ngunga 2004:). O aspecto está relacionado com a duração de uma acção que pode ser completa ou incompleta.

Em muitas línguas africanas, segundo Mutaka & Tamanji (2000), o aspecto é marcado por sufixos verbais, cada um desses sufixos expressa a maneira como a acção inerente ao verbo é praticada.

Tendo em conta a duração de uma determinada acção pode-se destacar os seguintes tipos de aspecto; segundo Comrie (1976): aspecto perfectivo e imperfectivo.

O aspecto perfectivo, segundo o mesmo autor, expressa uma acção completa, isto é que tenha sido concluída, enquanto o imperfectivo expressa uma acção em progresso, preocupa-se com a estrutura temporal interna de uma acção ou estado. O imperfectivo refere-se a continuidade, duração e interactividade.

O aspecto pode ser realizado através de um morfema “material” ou através do morfema zero. Geralmente o morfema zero indica o aspecto perfectivo e o(s) outro(s) indica(m) o aspecto imperfectivo. Considerem-se os seguintes exemplos:

(4) Aspecto perfectivo:

Changana:	a. Ndzija nyama	‘como carne’
	b. Tolo hifamb ile xikola	‘ontem fomos à escola’
	c. Mundzuku hitamb famba xilola	‘amanhã iremos à escola’
	d. Tolo ahifamb ile xikola	ontem tínhamos ido à escola’
Copi:	e. Nyanowa nidy ite m’pawu	‘ontem comi mandioca’
	f. Divhike di dingaphinda nitibhik ile m’pawu	‘na semana passada tinha cozido mandioca’

Nas frases acima o verbo está conjugado expressando a acção perfectiva do presente (4a), passado recente (4b, d, e), passado remoto (4f) e futuro (4c), cujas marcas aparecem em negrito, e no presente o mesmo é marcado pelo morfema zero. Note-se que em alguns casos o morfema do tempo é descontínuo como são os casos dos exemplos (4c e f). A marca do perfectivo não é marcada. Comparativamente a estes exemplos temos as frases imperfectivas:

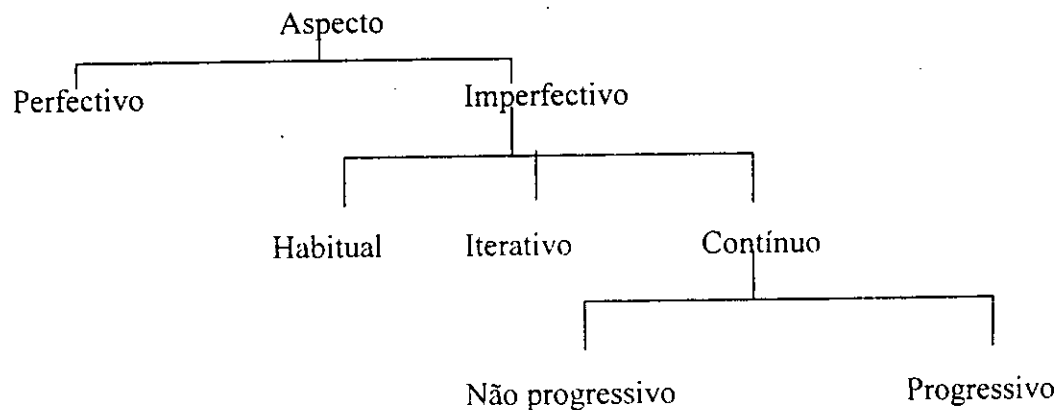
v. Aspecto imperfectivo:

Changana:	a. Ndzafamba xikola	'estou a ir à escola'
	b. Ndzahatlanga	'ainda estou a brincar'
Copi:	c. Nadya dipawa	'(eu) como pão'
	d. Nitidya dipawa	'(eu) comia pão (antigamente)'

Os exemplos acima mostram a ocorrência do aspecto imperfectivo nas acções expressas pelos verbos. Os exemplos (5a, b e c) expressam um presente (durativo, progressivo) e o exemplo (5b) expressa o passado remoto.

Em (a e d) o aspecto é marcado pelo morfema **-a-** e este coincide com a marca do tempo, em (b) é marcado pelo morfema **-ha-**, e em (e) por **-ti-** que também coincide com a marca de tempo.

As oposições aspectuais podem ser representadas da seguinte maneira:



Esquema 3: *Classificação das oposições aspectuais*²

2.4. Tempo verbal nas línguas bantu

Em muitas línguas bantu, o tempo verbal é lexicalizado sob várias divisões temporais marcadas por diferentes morfemas independentes.

A marcação do tempo em algumas línguas é feita através de morfemas limites, isto é, morfemas que se posicionam na fronteira do radical. Em Swahili, por exemplo, o tempo é marcado por um prefixo que ocorre entre a marca do sujeito e o radical.

- vi. Swahili: a. Tabu a-na-ogopa 'Tabu está com medo'
- b. Jogoo a-li-wika maru tatu 'O galo cantou três vezes'
- c. Rafiki zangu wa-ta-panga nyumba hii 'Os meus amigos irão alugar esta casa'

Como se pode notar nos exemplos acima, o presente é marcado pelo morfema **-na-** precedendo imediatamente o radical; o passado é marcado pelo morfema **-li-**, também precedendo imediatamente o radical e o futuro é marcado pelo morfema **-ta-** também na mesma posição.

O tempo em Emakhuwa (P.31 na classificação de Guthrie) é também uma categoria gramatical que é expressa através de morfemas ligados ao radical verbal.

² Cf. Comrie (1976:25)

an-e). A distribuição dos alomorfes de cada morfema depende da forma morfológica do radical verbal. Dos três sufixos, dois (-al-e, -il-e) ocorrem no extremo final da forma verbal e o terceiro (-an-e) ocorre dentro do radical pelo processo morfológico conhecido por imbricação (Ngunga & Victorino op. cit.) como ilustram os seguintes exemplos:

- (7) Emakhuwa:
- | | |
|------------------------|--------------|
| a. ki- ho -ly-a | 'eu comi' |
| b. o- ho -khw-a | 'ela morreu' |
| c. ki-ly- al-e | 'eu comi' |
| d. o- khw- al-e | 'ela morreu' |

Como se pode notar, as duas marcas do passado estão em variação livre, os falantes podem escolher qualquer um dos morfemas para indicar o passado. Cada um destes dois morfemas apresenta dois alomorfes, sendo -h- e -o- alomorfes de -ho- e -an-e e -iy-e alomorfes de -al-e.

CAPÍTULO III: TEMPO VERBAL NA LÍNGUA COPI:

A MORFOFONOLOGIA DA MARCA DO PASSADO RECENTE PERFECTIVO

3.0 Introdução

Neste capítulo estudaremos o comportamento do verbo nos vários tempos, dando maior incidência ao passado.

Como ponto de partida apresentaremos os três tempos verbais de uma forma geral, nomeadamente passado, presente e futuro, para em seguida apresentar o primeiro dos três de forma desenvolvida, o passado.

3.1 Tempo verbal na língua Copi

O verbo em Copi, tal como a maioria das línguas bantu, é formado por um prefixo verbal infinito **ku-** e por um radical mono- ou polissilábico seguido de uma vogal final (geralmente **-a**).

A conjugação dos verbos varia segundo a função lógica (afirmação ou negação) e segundo a sua função sintáctica. O Copi procura exprimir não tanto o tempo (presente, passado ou futuro) em que a acção expressa pelo verbo se realiza, tal como faz a língua portuguesa, mas antes de tudo o facto e o modo como ela se realizou, realiza, realizará ou não.

Tendo em conta a representação do tempo proposta por Comrie (2000), considerando os três tempos é importante referir que em Copi, o presente é também empregue para exprimir o momento actual em que o sujeito realiza a acção, embora possamos exprimir o momento actual sem ser necessariamente o da realização da acção.

- (8) Copi: a. Ani nodya dipawa 'eu estou a comer pão'
 Ene ogonda dibhuku 'ele está a ler o livro'
 Athu hopfala ditimba 'nós estamos a fechar a porta'
- b. Ani nadya dipawa 'eu como pão'
 Ene yagonda dibhuku 'ele lê o livro'
 Athu hapfala ditimba 'nós fechamos a porta'

Os exemplos acima revelam as diferentes realizações das acções em relação ao tempo actual, embora apresentem ligeiras diferenças. Em (a) a forma verbal indica a realização das acções em tempo actual coincidindo com o tempo de realização das mesmas, enquanto em (b), embora a forma verbal indique a realização do tempo actual, aquela já não coincide com o tempo de realização da acção, há sim uma ideia de hábito que é transmitida pela forma verbal.

Portanto em (a) estamos perante um presente perfectivo e em (b) presente imperfectivo, concluindo-se assim que o tempo presente subdivide-se em dois de acordo com a forma como a acção é encarada. Se como complete ou como processo, ainda por completa/ não complete.

O presente perfectivo é marcado pelo morfema *-o-*, seguindo imediatamente a marca do sujeito e precedendo o radical. A aplicação desta marca resulta imediatamente na aplicação

de uma regra fonológica para a resolução de hiato, e a regra aplicada é da elisão. Neste caso é elidida a vogal da marca do sujeito.

O presente imperfectivo é marcado pelo morfema *-a-*, realizado na mesma posição que o morfema do presente perfectivo.

Dos Santos (1941) considera que o presente é marcado pelo morfema *-a-* sem fazer a distinção entre o presente perfectivo e imperfectivo. Mas não podemos assumir categoricamente essa afirmação uma vez que os exemplos acima mostram uma outra realidade.

Um outro tempo representado por Comrie (2000) é o futuro que significa colocação da situação depois do momento actual.

Em Copi este tempo, futuro, também se subdivide:

- (9) Copi:
- | | | |
|----|----------------------|------------------------------|
| a. | Ani ninadya ndiwo | ‘eu comerei a comida’ |
| | Awe unadya ndiwo | ‘tu comerás a comida’ |
| | Vona vanadya ndiwo | ‘eles comerão a comida’ |
| b. | Ani ninatadya ndiwo | ‘eu hei-de comer a comida’ |
| | Awe unatadya ndiwo | ‘tu hás-de comer a comida’ |
| | Vona vanatadya ndiwo | ‘eles hão-de comer a comida’ |

Os exemplos em (7) revelam a realização das acções depois do momento actual todavia, essas mesma realização pode ser feita em dois momentos. O primeiro momento, correspondente aos exemplos marcados em (7a), representa a colocação da acção num

momento imediatamente próximo ao momento actual, enquanto que (7b) há uma distância na realização das acções em relação ao momento actual. Trata-se portanto dos futuros próximo e distante respectivamente.

O futuro próximo é marcado pelo morfema **-na-**, seguindo a marca do sujeito e antecedendo o radical, enquanto o futuro distante, para além do morfema **-na-**, marca de tempo, apresenta ainda na sua estrutura interna o morfema **-ta-**.

Portanto a marca de tempo futuro é o morfema **-na-**, enquanto o morfema **-ta-** representa o aspecto.

3.2. A marca do passado na língua Copi

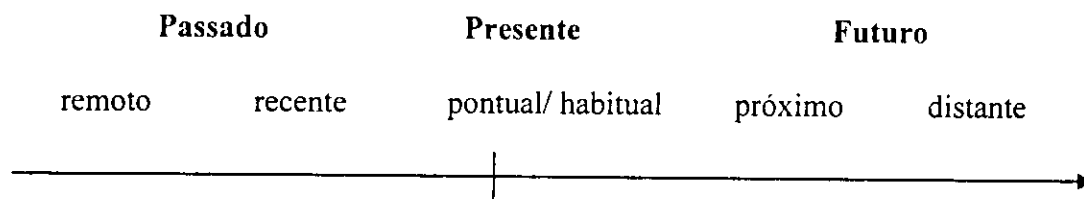
Na representação do tempo, Comrie (2000) apresentou uma divisão tripartida do mesmo, considerando o passado, o presente e o futuro, mas na língua Copi, esta divisão não se aplica de forma linear, quer para o presente e o futuro como foi visto acima, como também para o passado.

- (10) a. Nyanowa nibhikile m'pawu. 'ontem cozinhei mandioca'
b. Nyanowa nitibhikile m'pawu. 'ontem tinha cozidomandioca'
c. kale, nitibhika m'pawu. 'há muito tempo cozinhava mandioca'

Note-se que nos exemplos acima ambos representam o mesmo tempo que é o passado, mas cada uma das formas do passado é expressa de forma diferente, conforme ilustram os verbos nos exemplos acima.

No exemplo (a) o verbo expressa o passado recente perfectivo, que é marcado pelo morfema **-ile**, marca do tempo e o morfema zero para o aspecto. Em (b) também está expresso o passado recente imperfectivo, mas neste caso trata-se de uma acção remota em relação a anterior. O tempo neste caso é marcado por um morfema descontínuo **-ti- -ile**. Em (c) a acção expressa o passado remoto imperfectivo e este é marcado pelo morfema **-ti-**.

Estes exemplos vêm confirmar mais uma vez que a divisão tripartida do tempo apresentada por Comrie (2000) não se aplica de forma linear nesta língua, mostrando assim que a mesma deve ser subdividida da seguinte maneira:



Esquema 4: *Representação do tempo em Copi*

O esquema acima representa a repartição do tempo passado, presente e futuro da língua Copi. Estes três tempos são por sua vez repartidos em remoto/ recente para o passado, pontual/ habitual para o presente e próximo/ distante para o futuro.

Após uma apresentação breve dos tempos verbais em Copi, passamos a seguir a análise da marca do passado recente em particular que constitui o foco do nosso trabalho.

3.2.1. A marca do passado recente perfectivo em Copi

Conforme visto no ponto 1.4., na colocação do problema, a marca do passado no proto-bantu era ***-ide**, mas a língua Copi apresenta como marcas do passado, ora o morfema **-ile**, ora o morfema **-ite** ou até mesmo o morfema **-e**. É pois, neste ponto que procuraremos explicar essa variação e melhor entender em que contextos se realizam tais morfemas.

De salientar que os verbos do passado serão conjugados na primeira pessoa do singular.

Verbos em -ile

(11)	-beta	nibetile	'meter'
	-bhika	nibhikile	'cozinhar'
	-bonga	nibongile	'agradecer'
	-chadha	nichadhile	'casar'
	-leka	nilekile	'deixar'

O exemplo (11) mostra a formação do passado pelo processo de sufixação. Estes verbos formam o passado recente com o sufixo **-ile** tal como o Changana, o Yao, Gitonga e muitas outras línguas bantu.

Contudo, uma observação mais aprofundada permitiu observar que nem sempre que se procura formar o passado recente perfectivo nesta língua toma-se o sufixo **-ile**, com é o caso dos exemplos abaixo.

Verbos em -ite

(12) a. -bhala	nibhate	'escrever'
-fenengela	nifenengete	'cobrir'
-pfala	nipfate	'fechar'
b. -duketa	nidukete	'experimentar'
-gubhuta	nigubhute	'sacudir'
-xota	nixote	'caçar'
c. -fa	nifite	'morrer'
-hya	nihyite	'queimar'
-pa	nipite	'roubar'

O exemplo (12) mostra a formação do passado com o sufixo **-ite**. Em (12a) os verbos apresentam uma particularidade, ambos têm a terminação **-la**, em (12b) os verbos têm a terminação **-ta** e em (12c) os verbos são monossilábicos formando assim uma classe natural.

Os verbos em (12c) formam o passado pelo processo de sufixação, conforme a demonstração abaixo.

(13) -f-	-fite	/-f-it-e/	'morrer'
-hy-	-hyite	/-hy-it-e/	'queimar'
-p-	-pite	/-p-it-e/	'roubar'

Em (12a e b) os verbos terminados em *-la* e *-ta* respectivamente, que tomam o sufixo *-ite* no passado, formam este tempo verbal pelo processo de imbricação³, como ilustram os exemplos abaixo:

(14)	-bhala	-bhat-e	/-bha-it-l-e/	'escrever'
	-fenengela	-fenenget-e	/-fenenge-it-l-e/	'cobrir'
	-pfala	-pfate	/-pfa-it-l-e/	'fechar'
	-duketa	-duket-e	/-duke-it-t-e/	'experimental'
	-gubhuta	-gubhut-e	/-gubhu-it-t-e/	'sacudir'
	-xota	-xot-e	/-xo-it-t-e/	'caçar'

Para além dos exemplos acima referidos, que formam o passado pelo processo de imbricação, podemos encontrar um terceiro grupo que apesar de não formar o passado com os morfemas *-ile* e *-ite*, forma o passado pelo processo de imbricação. Este grupo toma como marca do passado o morfema *-e*, conforme ilustram os exemplos abaixo:

Verbos em -e

(15)	-dhan-	-dhan-e	/-dha-il-n-e/	'chamar'
	-khur-	-khur-e	/-khu-il-r-e/	'saciar'
	-won-	-won-e	/-wo-il-n-e/	'ver'

³ Cf. Ngunga 1998. Imbrication in Ciyao. In Maddieson, I. & Hinnebusch, T. J. (eds), *Language History and Linguistic Description in Africa*. 2: 167-176

Este último grupo é uma excepção à regra de formação do passado recente perfectivo em Copi, pois ao invés de formar o passado com o sufixo **-ile** como a maior parte os verbos, recorre a um terceiro morfema, o **-e**.

Concluindo diríamos primeiro que, na língua Copi a marca do passado ***-id-e** apresenta dois alomorfes, nomeadamente **-il-e** e **-it-e**. O sufixo **-il-e** é aplicado em quaisquer circunstâncias (16), enquanto o sufixo **-it-e** é aplicado à bases terminadas em **-l-**, **-t-** e bases do tipo **-C-** respectivamente (17).

(16) /d/ → l / elsewhere

(17) /d/ → l / __{-l-, -t-, -C-}

À bases de terminação **-l-** e **-t-** o passado é formado por imbricação:

(18) **-CVC-**

i. -CV-it-C-	infixação -it-	morfologia
ii. -CV-it-	elisão (C)	fonologia
iii. -CVt-	elisão -i- (v+v)	fonologia
iv. -CVt-e	sufixação -e	morfologia

O mesmo processo vai ser aplicado para radicais do tipo **-CVCVC-**, **-CVCVCVC-**.

Conforme o exemplo (18), primeiro (i) o sufixo **-it-** é infixado dentro da última sílaba da base, a seguir (ii) apaga-se a última consoante, (iii) aplica-se também a regra de elisão para o caso de V+V (resolução de hiatos), neste caso é elidida a vogal /i/ do **-it-** e por fim (iv) acrescenta-se-lhe a vogal final, este é o output.

Para os radicais **-C-**, aplica-se a sufixação.

(19) **-C-it-e** Sufixação

Conforme os exemplos acima podemos ver que o Copi, tal como outras línguas bantu, recorre quer à morfologia, quer à fonologia para a formação do passado.

Neste capítulo verificámos o tempo verbal na língua Copi incidindo-nos no passado recente.

Passaremos de seguida a apresentar as conclusões a que chegámos, avançando com algumas recomendações para futuros trabalhos.

CAPÍTULO IV: CONCLUSÕES E RECOMENDAÇÕES

4.0. Introdução

Neste capítulo, apresentaremos algumas conclusões a que chegámos após uma minuciosa análise dos dados apresentados. De salientar que é neste capítulo onde apresentaremos o resultado das hipóteses levantadas no princípio do nosso trabalho.

Ainda neste capítulo, apresentaremos algumas dificuldades enfrentadas para a realização do trabalho e recomendações para futuros trabalhos.

4.1. Conclusões e recomendações

O nosso trabalho tinha por objectivo identificar a marca do passado recente perfectivo em Copi e verificar ainda a variação alomórfica que ocorre no morfema do tempo, tendo em conta que partimos do pressuposto segundo o qual existiam duas marcas de tempo, para marcar o passado recente. Foi na esteira desses objectivos que se desenvolveu o nosso trabalho.

De acordo com estudos anteriormente feitos, muitas línguas bantu formam o passado recente com o morfema **-ile** que segundo Batin (1983) constitui uma das várias realizações do morfema ***-id-e** do proto-bantu.

Para além do morfema sufixal **-ile**, verificámos que Bastin (1983) vários outros morfemas que marcam o passado quer sufixos, quer prefixos.

Tomando em conta as diversas variações que se verificam no morfema do passado ***-id-e** verificámos que tal também se observa na língua Copi, daí que tenhamos construído quatro hipóteses das quais: (1) nesta língua o morfema *d* estava a dar lugar a *l*; (2) o *d* estava a

ceder lugar a *t*; (3) o *d* estava a ceder lugar a *l* e *t*, simultaneamente, e (4) tratava-se apenas de uma distribuição alomórfica entre *-it-e* e *-il-e*. É porque esta distribuição alomórfica resulta de processos fonológicos que ocorrem no fonemas /l/ e /t/, a quarta hipótese é consequência da terceira e isto explica o título do nosso trabalho, "A morfofonologia da marca do passado recente perfectivo em Copi". Por esta via, fica, assim, confirmada a quarta hipótese uma vez que para a formação do passado o Copi recorre aos morfemas *-il-* e *-it-e* cuja distribuição se segue.

A formação do passado com o morfema *-il-e* é feita pelo processo morfológico de sufixação e este verifica-se em quaisquer circunstâncias, enquanto a formação do passado com o morfema *-it-e* envolve um processo fonológico, o da imbricação e este verifica-se em determinados contextos. Para além dos alomorfes acima mencionados, verificámos ainda que a língua apresenta uma excepção que é o caso dos verbos que formam o passado com o morfema *-e*.

Assim, o estudo permitiu-nos verificar a morfofonologia da marca do passado recente na língua Copi. Quer as conclusões tiradas, quer algumas análises feitas aos outros tempos verbais, remetem-nos à necessidade de se fazer novos estudos afim de se verificar o que acontece com os morfemas ligados ao passado remoto, presente ou ainda o futuro.

O estudo por nós realizado não constitui de modo algum uma conclusão definitiva sobre a língua Copi, mas acreditamos que o mesmo possa servir de experiência para estudos mais aprofundados e esperamos que este contribua também para o desenvolvimento da língua, quer em termos de sua própria expansão, quer em termos de expansão do material escrito de que ela carece.

quer em termos de sua própria expansão, quer em termos de expansão do material escrito de que ela carece.

BIBLIOGRAFIA

- Bastin, Y. 1983. *La Finale Verbale –ide et L'imbrication en Bantou*. Serie in 8°, Sciences Humaines, No 114. Annales du Musée Royal de L'Afrique Centrale, Tervuren.
- Bleek, H. W. I. 1862, 1869. *Comparative Gammar of South African Languages*. Trubner & Co. 60. Paternoster Row. London.
- Chimbutane, F. 2002. Grammatical Functions in Changana Types Properties and Functions. (Tese de Mestrado não publicada). Australian National University: Australia.
- Chimuzu, A. 2002. Reorganização do Sistema de Classes Nominais em Makhuwa: O caso dos Nomes dos Animais. (Tese de Licenciatura não publicada). UEM. Maputo.
- Cunha, C. & L. Cintra. 1998. *Breve Gramática do Português Contemporâneo*. 11ª edição. Edições João Sá da Costa. Lisboa.
- Comrie, B. 1985. *Tense*. Cambridge University Press. Cambridge
- Dacala, A. C. 1994. Variações Alomórficas no Nome em Ciyao (Yao) e Cicopi (Copi). (Tese de licenciatura não publicada). UEM. Maputo.
- Dos Santos, F. L. 1941. *Gramática da Língua Chope*. Imprensa Nacional de Moçambique. Lourenço Marques.
- Firmino, G. 2002. *A Questão Linguística na África Pós-colonial. o caso do Português e das línguas autóctones em Moçambique*. Promédia. Maputo.
- Gleason, Jr. H.A. 1961. *An Introduction to Descriptive Linguistic*. Holt, Rinehart and Winston: New York.

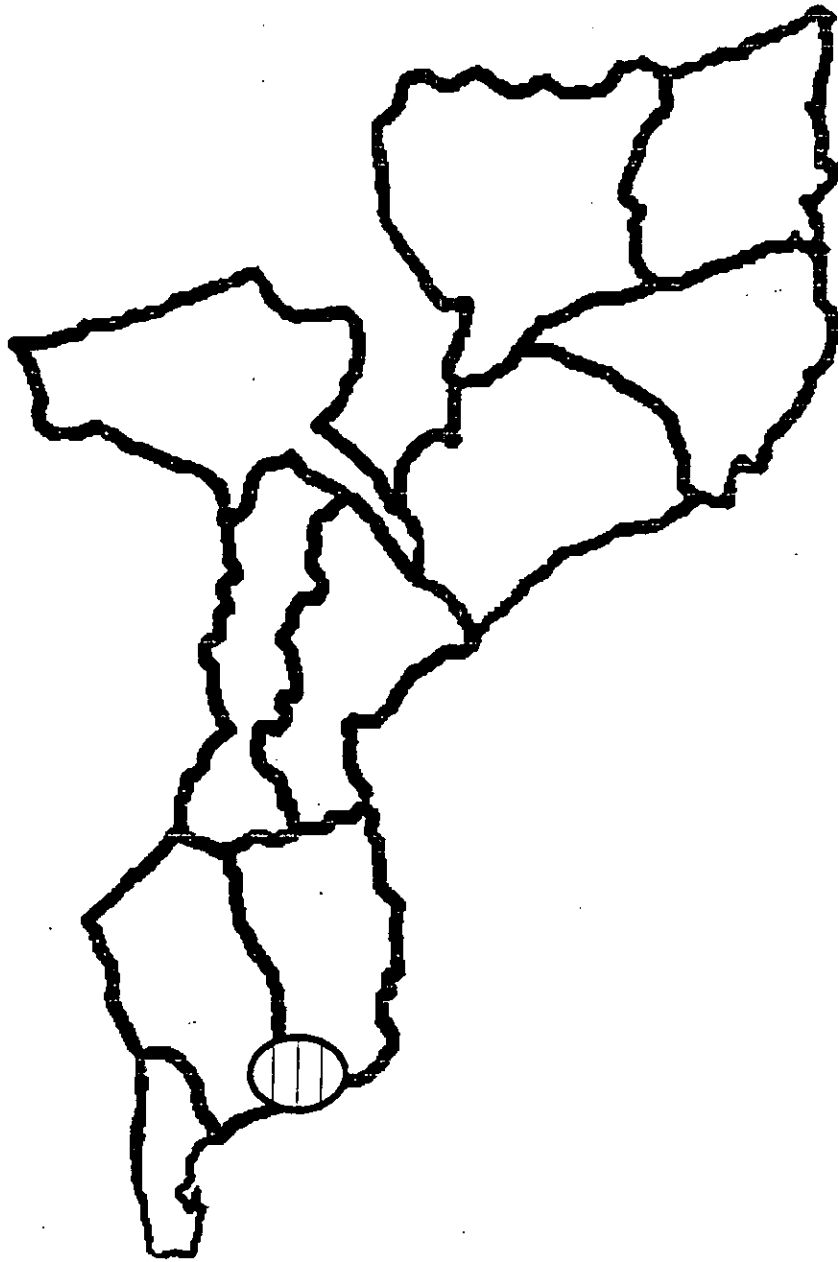
- Guthrie, M. 1967-71. *Comparative Bantu*. Vols. 1-4. Clarendon. Oxford University Press.
- Hyman, L. M. 1975. *Phonology: Theory and Analysis*. Holt, Rinehart and Winston. New York.
- Katamba, F. 1989. *An Introduction to Phonology*. Longman. London.
- Katupha, J. M. M. 1983. Preliminary Description of Sentence Structure in e-Saaka Dialect of e-Makhuwa. (Tese de Mestrado não publicada). School of Oriental and African Studies. University of London.
- Katupha, J. M. M. 1991 The Grammar of Emakhuwa Verbal Extensions: An Investigation of the Role of the Extension Morphemes in the Derivational Verbal Morphology and in Grammatical Relations. (Tese de doutoramento não publicada) SOAS. University of London.
- Langa, D. 2001. Reduplicação em Changana. (Tese de licenciatura não publicada). UEM. Maputo.
- Liphola, M. M. 1988. As Línguas Bantu de Moçambique: Uma Pequena Abordagem do Ponto de Vista Socio-linguístico. Unicamp-Campinas. São Paulo, Brasil.
- Liphola, M. M. 2001. Aspects of Phonology and Morphology of Shimakonde. Ohio State University. LTP
- Meinhof, C. 1932. *Introduction to the Phonology of the Bantu Languages*. (traduzido por N.J. van Warmelo) Berlin: Verlag von Dietrich Reiner.
- Mutaka, N. & Tamanji, P. 2000. *An Introduction to African Linguistics*. Lincom
- Ngunga, A. 1987. A Comparative Study of Shona and Yao Noun Classes. (Dissertação não publicada de BA Hons). Universidade de Zimbabwe. Harare.

- Ngunga, A. 1988. A Comparative Study of some Aspects of Transitivity in Shona an Yao. Dissertação de MA. Universidade de Zimbabwe. Harare.
- Ngunga, A. 1997. *A Lexical Phonology and Morphology of the Ciyao Verb Stem*. UMI Berkeley.
- Ngunga, A. 2000. *Phonology and Morphology of the Ciyao Verb*. CSLI Publications. Leland Stanford University. California. USA.
- Ngunga, A. 2002. Estrutura do trabalho Científico. Ms. Departamento de Linguística e Literatura. UEM. Maputo.
- Ngunga, A. 2002. *Elementos da Gramática da Língua Yao*. Imprensa Universitária-UEM. Maputo.
- Ngunga, A. 2002a. Introdução à Linguística Bantu. Ms. Departamento de Linguística e Literatura. UEM. Maputo.
- Ngunga, A. 2004. *Introdução à Linguística Bantu*. Imprensa Universitária-UEM. Maputo
- Nhaombe, H. E. 1991. Semântica de expressões Idiomáticas do Tsonga Formadas a partir de Metáforas Antropomórficas e Metáforas Animais. Tese de Licenciatura (não publicada). UEM. Maputo.
- Rodrigues, C. M.C. 2003. Estratégias de Diminutivização na Língua Copi. Dissertação de Licenciatura (não publicada). Universidade Eduardo Mondlane. Maputo.
- Sitoe, B. 1988. *BYI XILE! Curso de Tsonga para não falantes*. UEM. Maputo.
- Sitoe, B. 1996. *Dicionário de Changana-Português*. Instituto Nacional do Desenvolvimento da Educação. Maputo.

- Sitoe, B. 2001. *Verbs of Motion in Changana*. Lieden: CNWS-Leiden University. (Tese de Doutoramento).
- Sitoe, B. & Ngunga, A. (orgs.) 2000. *Relatório do II Seminário sobre a Padronização da Ortografia de Línguas Moçambicanas*. Universidade Eduardo Mondlane. Maputo.
- Torrend, S. 1891. *A Comparative Grammar of the South-African Bantu Languages*. Kegan Paul, Trench, Trubner & Co. Ltd. London.
- Werner, A. 1915. *Introductory Sketch of the Bantu Languages*. Great Britain.
- Werner, A. 1919. *The Languages Families of Africa*. Great Britain.

ANEXOS

Mapa ilustrando as regiões onde se fala a língua Copi.



CORPUS

Verbos terminados em *-ile*

INFINITIVO	PASSADO RECENTE PERFECTIVO	SIGNIFICADO
1.-beta	nibetile	meter
2.-bhika	nibhikile	cozinhar
3.-bonga	nibongile	agradecer
4.-chadha	nichadhile	casar
5.-dhaha	nidhahile	fumar
6.-dhukisa	nidhukisile	assustar
7.-dima	nidimile	cultivar
8.-dziva	nidzivile	saber
9.-faya	nifayile	partir
10.-fuya	nifuyile	criar
11.-gonda	nigondile	estudar
12.-gonda	nigondile	ler
13.-goka	nigokile	vestir
14.-gondisa	nigondisile	ensinar
15.-guma	nigumile	acabar
16.-hapha	nihaphile	arrancar
17.-hanya	nihanyile	viver
18.-hayeka	nihayekile	pendurar
19.-heta	nihetile	acabar
20.-heleketa	niheteketile	acompanhar

CURRICULUM VITAE

IDENTIFICAÇÃO

APELIDO: Nhantumbo

NOME: Nelsa João

FILIAÇÃO: João Baptista Luís Nhantumbo e Engrácia Ernesto Mutemba

NATURALIDADE: Maputo

IDADE: 24 Anos

NACIONALIDADE: Moçambicana

B.I. No : 110077536L

HABILITAÇÕES LITERÁRIAS

3º Ano do Curso de Linguística (Universidade Eduardo Mondlane)

Actualmente frequenta o 5º ano do mesmo

1998 – 1999: Frequência e conclusão do nível médio/ pré-universitário

1994 – 1997: Frequência e conclusão do ensino básico

1987 - 1993: Frequência e conclusão do nível primário

EXPERIÊNCIA PROFISSIONAL

Já trabalhou como oficial de protocolo nos seguintes ventos:

2004 – UNESCO

2003 - SARPCCO (8ª Reunião dos Chefes da Polícia da África Austral)

2003 - UA (II Cimeira da União Africana)

E em alguns eventos ligados à Universidade Eduardo Mondlane

Trabalhou ainda como inquiridora na AMODEFA

CONHECIMENTO DE LÍNGUAS

Português - falado e escrito

Inglês - falado e escrito

Francês - falado e escrito

Italiano - noções básicas

Chope - falado e escrito

Changana - falado e escrito

Ronga - falado e escrito

CONHECIMENTOS ADICIONAIS

Conhecimento de informática nos pacotes de:

Windows

Word

Excel

Power Point

IFORMAÇÕES ADICIONAIS

Jovem dinâmica

Capacidade de compreensão

Capacidade de trabalhar quer em equipe, quer individualmente

CONTACTOS:

082 8830410- Pessoal

082 8476010 - Sra. Engrácia

21.-huma	nihumile	sair
22.-huta	nihutile	adivinhar
23.-kanda	nikandile	pisar
24.-khata	nikhatile	começar
25.-khalahatsi	nikhalahatsile	sentar
26.-khukha	nikhukhile	sair
27.-khurunga	nikhurungile	moer
28.-kwata	nikwatile	zangar
29.-kwita	nikwitile	coxear
30.-langa	nilangile	escolher
31.-lava	nilavile	procurar
32.-layitha	nilayithile	acender
33.-leka	nilekile	deixar
34.-losa	nilosile	cumprimentar
35.-luka	nilukile	trançar
36.-lungisa	nilungisile	arranjar
37.-maha	nimahile	fazer
38.-mama	nimamile	mamar
39.-manya	nimanyile	apertar
40.-mwalata	nimwalatile	perder
41.-ndinda	nindindile	puxar
42.-nunga	ninungile	cheirar
43.-ndzihatisa	nindzihatisile	sujar

44.-panda	cipandile	doer
45.-peka	nipekile	bater
46.-penda	nipendile	pintar
47.-peta	nipetile	meter
48.-phaya	niphayile	semear
49.-phinda	niphindile	passar por um sítio
50.-pima	nipimile	medir
51.-pimisa	nipimisile	pensar
52.-randa	nirandile	gostar
53.-reka	nirekile	acarretar
54.-runga	nirungile	coser
55.-sakana	nisakanile	brincar
56.-samba	nisambile	tomar banho
57.-sefa	nisefile	coar
58.-seka	nisekile	rir
59.-sindza	nisindzile	pilar
60.-sisa	nisisile	esconder
61.-sinya	nisinyile	dançar
62.-sunga	nisungile	amarrar
63.-ta	nitile	vir
64.-tha	nithile	jogar
65.-thavisa	nithavisile	tirar
66.-thuma	nithumile	trabalhar

67.-tibuka	nitibukile	espelhar-se
68.-tima	nitimile	apagar
69.-tutuma	nitutumile	correr
70.-tsimba	nitsimbile	proibir
71.-tsemberisa	nitsemberisile	girar
72.-txusa	nitxusile	autorizar
73.-vanda	nivandile	descascar
74.-vanganyisa	nivanganyisile	juntar
75.-veka	nivekile	pôr
76.-veleka	nivelekile	dar à luz
77.-vilisa	nivilisile	fermentar
78.-wiyisa	niwiyisile	trazer
79.-woma	niwomile	secar
80.-womba	niwombile	dizer
81.-wombawomba	niwombawombile	falar
82.-wuka	niwukile	acordar
83.-wuna	niwunile	murchar
84.-xanga	nixangile	enlouquecer
85.-xava	nixavile	comprar
86.-yaka	niyakile	construir
87.-yaneka	niyanekile	estender
88.-yenda	niyendile	viajar
89.-yengisa	niyengisile	ouvir

90.-yoka niyokile assar

Verbos terminados em -ite

91.-bala	nibate	contar
92.-bhala	nibhate	escrever
93.-chumayela	nichumayete	pregar (reza)
94.-daya	nidate	matar
95.-dila	nidite	chorar
96.-dola	nidote	furar
97.-duketa	nidukete	experimentar
98.-dzula	nidzute	pescar
99.-dya	nidyite	comer
100.-fa	nifite	morrer
101.-fenengela	nifenengete	cobrir
102.-fumbvula	nifumbvute	desenterrar
103.-gela	nigete	dizer
104.-gubhuta	nigubhute	sacudir
105.-gula	nigute	carregar
106.-ha	nihite	dar
107.-hala	nihate	ferver
108.-hakela	nihakete	pagar
109.-hehela	nihehete	peneirar
110.-hola	nihote	receber em troca de trabalho

111.-hungula	nihungite	diminuir
112.-hya	nihyite	queimar
113.-kelela	nikelete	enterrar
114.-kombela	nikombete	pedir
115.-khongela	nikhongete	rezar
116.-khosola	nikhosote	tossir
117.-kula	nikute	crescer
118.-kuwula	nikuwute	lavar
119.-lovola	nilovote	lobolar
120.-lwala	nilwate	adoecer
121.-malala	malate	calar
122.-na	yinite	chover
123.-ng'ola	ning'ote	agarrar
124.-niketa	ninikete	entregar
125.-nya	ninyite	defecar
126.-pa	nipite	roubar
127.-pfala	nipfate	fechar
128.-sakula	nisakute	sachar
129.-sela	nisete	beber
130.-thivela	nithivete	atiçar
131.-thola	nithote	espetar
132.-tovela	nitovete	expulsar
133.-tula	nitute	abrir

134.-tumbula	nitumbute	descobrir
135.-tumela	nitumete	aceitar
136.-tsimbila	nitsimbite	andar
137.-tsula	nitsute	ir
138.-tsemberisela	nitsemberisete	girar (continuamente)
139.-tshulela	nithsulete	cobrir (casa)
140.-tshumela	nitshumete	voltar
141.-varula	nivarute	rasgar
142.-wa	niwite	cair
143.-wila	niwiite	cortar
144.-xota	nixote	caçar
145.-xula	nixute	ganhar
146.-yamukela	niyamikete	receber algo que é entregue
147.-yemela	niyemete	esperar
148.-yenetela	niyenetete	aumentar
149.-yimbelela	niyimbelete	cantar

Verbos terminados em -e

150.-dhan-	nidhane	'chamar'
151.-khur-	nikhure	'saciar'
152.-won-	niwone	'ver'